

## ***Algumas reflexões sobre a política cultural, após a bem sucedida inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial da UNESCO***

*Leong Kam Man\**, *Lo Iat Tim\*\**

Em Macau, que tem sido a mais importante ponte de intercâmbios entre a China e o Ocidente, têm-se cruzado as mais variadas culturas, nos últimos séculos, dando forma a um ambiente cultural muitíssimo peculiar. No dia 15 de Julho de 2005, a 29.ª Sessão do Comité do Património Mundial deu a sua concordância à inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial da UNESCO.

Após a bem-sucedida inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial da UNESCO, os monumentos históricos devem merecer mais importância e melhor atenção por parte dos cidadãos de Macau, para conhecerem melhor a cidade em que vivem e para poderem ter uma percepção mais clara do seu peculiar valor cultural. No entanto, baseados nas nossas próprias observações, a alegria que devia causar à generalidade dos cidadãos de Macau, a bem-sucedida inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial, não é tão grande como se esperava, sendo este o principal motivo que nos leva a escrever este ensaio.

A julgar pela estrutura demográfica de Macau, mais de 95% são chineses de sangue chinês. Os que não têm descendência chinesa representam uma minoria. O Centro Histórico de Macau é formado por mais de 25 monumentos históricos e praças públicas, dos quais 20 lugares pertencem à arquitectura ocidental que foram construídos pelos portugueses, nos últimos 4 séculos e só apenas 5 lugares são construções típicas do sul da China, com particularidades culturais chinesas.

---

\* Professor Associado da Faculdade de Administração Pública e Políticas da Universidade Internacional Ji'nan.

\*\* Mestrando na Faculdade de Administração Pública e Políticas da Universidade Internacional Ji'nan.

Falando sobre as crenças religiosas dos cidadãos de Macau, os adeptos do catolicismo e do protestantismo nem chegam a 10% da população total de Macau. As crenças populares chinesas continuam a ser a referência espiritual da maioria dos cidadãos de Macau. Mas muitos lugares do Centro Histórico de Macau pertencem ao catolicismo, por exemplo, as ruínas de São Paulo, entre outros, inclusive a Santa Casa da Misericórdia. Os templos que pertencem às regiões populares, tais como, o Templo de A-Má e o Templo Budista da Salvação Universal que pertence ao budismo, representam a minoria. Evidentemente, o conteúdo do Centro Histórico de Macau revela uma disparidade entre ela e a formação demográfica, a conotação cultural e as crenças religiosas dos cidadãos de Macau. Por um lado, isto afecta Macau, na sua qualidade da ponte de intercâmbios entre a China e o Ocidente, restringindo a sua função e tarefa de continuar a ligar o Continente da China e o mundo ocidental. Por outro lado, também afecta o Centro Histórico de Macau, no seu papel de divulgação de Macau a nível internacional e de certa influência negativa sobre Macau, como uma importante base da preservação da sua peculiar história e cultura, a nível nacional da China.

Levando em consideração o facto de Macau em si ser uma sociedade de imigrantes e a maioria deles terem vindo do Continente da China, a partir dos anos 70 do século passado, facto que os leva a estarem somente empenhados no seu ganha-pão, talvez seja este o motivo de indiferença, por falta de conhecimentos, no que respeito ‘a bem-sucedida inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial.

Quer o Governo português quer o novo Governo da RAEM temaram medidas, em termos de diplomas legais e políticas; por exemplo, o Governo português decretou respectivamente, em 1984 e em 1992, o Decreto-Lei n.º 56/84/M e o Decreto-Lei n.º 83/92/M que, após a criação do Governo da RAEM, não foram revogados. O Governo da RAEM tem criado cursos de formação para formar recursos humanos nesta área, a fim de alargar constantemente o contingente da protecção cultural de Macau e tem tentado levar a palavra de ordem de “amar os monumentos históricos e continuar com a cultura”, junto dos mais variados sectores sociais. Em 2002, teve lugar, sob o patrocínio do Governo da RAEM, “A Conservação do Património Urbano: Uma Visão de Macau”. O próprio Governo criou o projecto “Jovens Embaixadores do Património Cultural”,

numa tentativa de divulgar os monumentos históricos, a partir de diferentes ângulos.

No entanto, a razão pela qual foi bem-sucedida a inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial foi a sua peculiar história e a cultura que têm mais de 4 séculos. No momento em que o Governo da RAEM fixou este ano como “2006 - Ano do Património Mundial de Macau”, há necessidade de reflectir sobre como é que, a par da bem-sucedida inscrição de “O Centro Histórico de Macau”, na Lista do Património Mundial, devemos estudar e formar os cidadãos de Macau para uma melhor percepção da história e cultura de Macau, como devemos aprofundar os conhecimentos e a protecção do Centro Histórico de Macau, património cultural da humanidade, e como formar um espírito de preocupação com a sua própria terra para mais a amar.

### **1. Uma análise sobre os lugares do Centro Histórico de Macau, do ponto de vista étnico**

A identidade deriva de muitos factores diferentes, que podem influenciar a opinião dos cidadãos de Macau sobre o Centro Histórico de Macau. Em primeiro lugar, o factor mais importante da identidade é a etnia. Etnias diferentes têm uma identidade especial com a sua própria cultura, quaisquer que sejam. É do que se orgulham. Por outras palavras, os chineses têm uma forte identificação com os pontos que representam os chineses e a sua cultura. Em contraste, os europeus identificam-se melhor com a sua cultura europeia.

As comunidades étnicas de Macau podem dividir-se, grosso modo, em três grupos. O primeiro grupo são os chineses. Neste grupo estão incluídos os naturais de Macau. Mas a sua maioria são emigrantes que vieram, depois de 1949, das províncias de Guangdong e Fujian do Continente da China, entre outros lugares. Estes imigrantes, conforme o tempo da sua estadia em Macau, podem pertencer à primeira geração ou à quarta geração. De facto, estes imigrantes têm identidades diferentes, em relação a Macau, em consequência do tempo da sua estadia em Macau. Os que são da terceira geração para cima, possuem uma maior identificação com Macau e uma menos identificação com o Continente da China, sobretudo com as terras de Guangdong e Fujian donde vieram os seus antepassados. Pelo contrário, os emigrantes que têm uma história de menos de duas gerações estão mais identificados com as terras donde vieram.

Mesmo assim, os chineses de Macau têm uma identificação mais intrínseca com a cultura chinesa, o que é inegável.

O segundo grupo são os chamados “macaenses” nas fontes estrangeiras. Em Macau, chamam-lhes “filhos da terra”. Os seus antepassados foram os portugueses que há 400 anos atrás, saíram de Portugal, contornando o Cabo da Boa Esperança, em África, passando por Goa e Península Malaia para chegar a Macau. Ao longo dos 4 séculos e durante muitas gerações, houve casamentos interraciais com africanos, indianos, malaios e chineses. A mestiçagem foi de tal maneira complexa que deu forma a um grupo étnico independente. Por vários motivos, estão desligados de todo do Portugal dos seus antepassados, sem a possibilidade de lá voltarem a viver. No entanto, em termos gerais, a sua identificação cultural é principalmente com a cultura ocidental.<sup>1</sup>

O terceiro grupo étnico são os estrangeiros que, por motivos laborais, têm vindo de diferentes países. Evidentemente, deles há muitos que são portugueses que trabalharam na administração portuguesa. Ao contrário dos macaenses, eles sabem perfeitamente da sua nacionalidade e também têm ligações essenciais com as suas terras. Por outras palavras, eles possivelmente não pretendem acabar os seus dias em Macau. A sua identificação com Macau, varia de nacionalidade para nacionalidade, mas no essencial a sua identificação é com a cultura ocidental.

O Centro Histórico de Macau, agora inscrito na lista do Património Mundial, tem 25 pontos. Segundo estatísticas publicadas pelo Instituto Cultural de Macau, se fizermos uma divisão, de acordo com o critério do estilo arquitectónico chinês e ocidental, da arquitectura chinesa só temos 5 lugares que são o Templo de A-Má, a Casa do Mandarim, o Templo de Sam Kai Vui Kun, a Casa de Lou Kau e o Templo de Na Tcha. Em contraste, da arquitectura ocidental temos o Quartel dos Mouros, entre 20 lugares (Ver o Quadro I). A percentagem é de 1: 4. Por outras palavras, os pontos, na sua maioria (80%), são construções ocidentais e as chinesas não têm mais do que um papel de figurante na lista toda.

---

<sup>1</sup> Para estudos sobre os macaenses, pode consultar-se João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, Mónica Chen (trad.), *Macau Bambú — um estudo sobre a identidade étnica macaense e a sucessão das gerações*, in Administração, n.º 21, Setembro de 1923, pp. 693-715 e Chio In Fong, *Macaenses: uma comunidade importante e específica de Macau — Um futuro promissor em perspectiva*, in n.º 23, Maio de 1994, pp. 199-203.

**Quadro I: Arquitectura Ocidental e Arquitectura Chinesa dos lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau**

Arquitectura Ocidental	Quartel dos Mouros, Igreja de S. Lourenço, Igreja e Seminário de S. José, Teatro D. Pedro V, a Biblioteca Sir Robert Ho Tung, Igreja de Santo Agostinho, Edifício do Leal Senado, Santa Casa da Misericórdia, Igreja da Sé, Igreja de S. Domingos, Ruínas de S. Paulo, Secção das Antigas Muralhas de Defesa, Fortaleza do Monte, Igreja de Santo António, Casa Garden, Cemitério Protestante e Fortaleza da Guia (incluindo a Capela e Farol da Guia)	20
Arquitectura Chinesa	Templo de A-Má, Casa do Mandarin, Templo de Sam Kai Vui Kun, Casa de Lou Kau e Templo de Na Tcha	5

*Fonte:* ICM, Macau Património Mundial Kit Informativo, in <http://www.macaupatrimoniomundial.net/Education/>, (19 de Abril de 2006).

No entanto, se observamos bem os cidadãos de Macau, constantes do Quadro II, verificamos que mais de 95% são chineses; os macaenses só representam 1,78% e os estrangeiros apenas 2,15%. Por outras palavras, o maior grupo étnico de Macau é chinês e os não chineses só representam aproximadamente 4%.

**Quadro II: Etnias de Macau**

Etnias	Número	Percentagem
Chineses	416,353	95,66 %
Filhos da Terra	7,773*	1,78 %
Estrangeiros	9,338	2,15 %
Total	435,235**	100,00%

*Fonte:* Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, Censo Geral de 2001, p. 138.

\* Os macaenses aqui referidos resultam do Censo Geral, realizado em 2001. Em termos genéricos, refere-se aos que têm sangue chinês e português; chinês, português e outro e português; português misturado com outros.

\*\* A mais actualizada estatística demográfica de Macau, publicada pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos é até 31 de Dezembro de 2005, momento em que a população de Macau rondava as 488 mil pessoas. “Jornal Ou Mun”, Primeiro caderno, edição de 30 de Março de 2006.

**Quadro III: Comparação entre lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau e Percentagem Populacional**

	Percentagem dos lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau	Percentagem Populacional
Estilo Ocidental/ Não Chineses	80%	3,93%
Estilo Chinês/ Chineses	20%	95,66 %

Se se fizer uma fusão entre o Quadro I e o II para termos o Quadro III, pode-se observar que a maioria (80%) são construções do estilo ocidental, dando lugar a um grande contraste proporcional com a percentagem de 95,66% da população chinesa de Macau que é a predominante. Por outras palavras, os pontos da lista são principalmente construções do estilo ocidental e não os lugares de actividades do principal grupo étnico de Macau. Pelos vistos, esta contradição podia ser a falta de aumento do grau da identificação dos cidadãos de Macau, após a bem sucedida inscrição na lista do Património Mundial. Eis o rumo a que se devem dirigir os esforços para promover o Centro Histórico de Macau, Património Mundial.

## 2. Uma análise sobre o Centro Histórico de Macau, Património Mundial, do ponto de vista religioso

A religião constitui uma via muito importante de identidade dos cidadãos. Evidentemente, os judeus têm uma maior identificação com as coisas pertencentes ao judaísmo, os católicos com o catolicismo, os budistas com o budismo e por aí fora. Isto é mais do que óbvio.

Das religiões praticadas em Macau, podem citar-se o catolicismo, o protestantismo, o budismo, o taoísmo, o islamismo, o Bahai e outras crenças populares, das quais o islamismo e o Bahai representam uma percentagem muito reduzida.<sup>2</sup> O catolicismo e o protestantismo foram introduzidos pelo Ocidente e têm muitos praticantes em Macau. O catolicismo foi introduzido em Macau em 1561. Já em 1576, foi criada a Diocese de Macau, que tem sido uma importante base de irradiação da cultura ocidental para a China, o Japão e o Sudeste Asiático. A Diocese de Macau tem 6 freguesias, 4 missões, 36 instituições e 35 escolas. Neste momento, conta com mais de 80 padres e irmãos e 180 freiras a trabalhar nela. A Diocese de Macau tem agora aproximadamente 28 mil crentes, dos quais à volta de 17 mil são chineses.<sup>3</sup>

O protestantismo foi introduzido em Macau pelo pastor Robert Morrison, em 1808.<sup>4</sup> Na actualidade, em Macau existem mais dez grupos dessa religião, dos quais os maiores são a Anglican Church (Macau) e a China Congregational Church. No momento, existem aproximadamente 20 pastores e à volta de 80 missionários e catequistas, 54 igrejas, 18 instituições evangélicas, 9 escolas, onde estudam mais de 8 000 estudantes e uma dezena de instituições de caridade social, tais como a World Vision Macau, etc.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Para estudos sobre as religiões de Macau, pode-se consultar Zheng Weimin e Huang Qichen, *As Religiões de Macau*, Fundação Macau, Macau 1994.

<sup>3</sup> Introdução à Diocese de Macau, <http://www.serra-club.org.mo/dioceseorg.htm>. (30 de Abril de 2006)

<sup>4</sup> Sobre a história da introdução do protestantismo pela mão de Robert Morrison em Macau, pode consultar-se, Mrs. Elizebeth Morrison, Gu Changsheng, *Memories of the Life and Labours of Robert Morrison*, Guilin, Universidade Normativa de Guangxi, 2004.

<sup>5</sup> <http://www.macaadata.com/macau/affairs/bf06.html>.

O budismo foi introduzido em Guangdong durante o Reinado de Xiantong (860-872) da Dinastia Tang. Mais tarde, em Macau. O budismo de Macau inclui o Chan Buddhism e o Jingtú zong (Terra Pura), entre outras escolas. Pelo facto de os chineses de Macau terem confundido o taoísmo e algumas religiões populares com o budismo, o famoso Templo de A-Má, inicialmente dedicado ao culto da Deusa A-Má, que pertence às religiões populares, também tem a deusa Cãnon, figura do budismo. Por isso, em Macau existe uma mistura entre o budismo, o taoísmo e as religiões populares. Neste momento Macau possui 40 monges e monjas budistas no seu sentido lato. Tem mais de 40 templos budistas, dos quais os mais representativos são o Templo Budista da Salvação Universal, o Templo Budista Puti, o Templo de A-Má, o Pagode Novo. A Associação Budista Geral de Macau, criada em 1997, é uma instituição coordenadora de todos os assuntos relacionados com o budismo.<sup>6</sup>

Se fizermos uma divisão do Centro Histórico, do ponto de vista religioso, podemos ver que há 9 pontos relacionados com o catolicismo, 1 lugar com o protestantismo e 2 lugares com as religiões populares. Os restantes são 2 instituições governamentais, 1 organização chinesa, 2 casas chinesas, 2 largos, 2 casas portuguesas, 3 instalações de defesa portuguesas e 1 indefinido (Ver o Quadro IV). Se incluirmos as religiões populares no budismo, mais uma organização comercial chinesa - Templo de Sam Kai Vui Kun não passam de 3 na sua totalidade. Em contraste, o catolicismo tem 9 lugares e se incluirmos a Capela do Farol da Guia no catolicismo, serão 10 lugares. Por outras palavras, se se fizer uma divisão no catolicismo, no protestantismo e no budismo no seu sentido lato, estas 3 religiões têm respectivamente, 10 lugares (40%), 1 lugar (4 %) e 3 lugares (12%). Se se fizer uma divisão no catolicismo e no protestantismo no seu sentido lato e no budismo no seu sentido lato, são respectivamente 11 e 3 lugares que representam 44% e 12%. Pelos vistos, os pontos que representam o cristianismo são muito superiores aos pontos do budismo no seu sentido lato, dos quais só os lugares ligados ao catolicismo representam 40%.

---

<sup>6</sup> Ibid.



**Quadro IV: Características religiosas dos lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau**

Catolicismo	Ruínas de S. Paulo, Santa Casa da Misericórdia, Igreja de S. Lourenço, Igreja e Seminário de S. José, Igreja de Santo Agostinho, Igreja da Sé, Igreja de S. Domingos, Igreja de Santo António e Largo do Teatro D. Pedro V	9
Protestantismo	Cemitério Protestante	1
Religiões Populares	Templo de A-Má e Templo de Na Tcha	2
Instituições Governamentais	Edifício do Leal Senado e Quartel dos Mouros	2
Organização Chinesa e Religião Popular	Templo de Sam Kai Vui Kun	1
Casas Chinesas	Casa do Mandarim e Casa de Lou Kau	2
Largos	Largo de Lilau e Largo do Leal Senado	2
Casas Portuguesas	Biblioteca Sir Robert Sir Tung e Casa Garden	2
Instalações de defesa portuguesas	Secção das Antigas Muralhas de Defesa, Fortaleza do Monte e Fortaleza da Guia (incluindo a Capela e o Farol da Guia)	3
Outros	Teatro D. Pedro V	1

Fonte: ICM, Macau Património Mundial Kit Informativo, in <http://www.macaupatrimoniomundial.net/Education/>, (19 de Abril de 2006).

Em termos gerais, da população religiosa de Macau os chineses inclinam-se mais para o budismo no seu sentido lato, enquanto os estrangeiros e os macaenses de nacionalidade portuguesa, mais para o catolicismo e o protestantismo. Devido à influência exercida pelos últimos dois sobre a educação de Macau, muitos alunos inscritos nas escolas administradas por estas duas religiões, são batizados para serem católicos ou protestantes. Mas duma maneira geral, os chineses continuam a ser budistas no seu sentido lato.

Neste momento, em Macau existem aproximadamente 28 mil católicos, que representam 5,74% da população; os protestantes rondam 5000, que representam 1,02%; a população budista no seu sentido lato

atinge 390, 400 pessoas , que representam 80 % da população. Se se incluir o catolicismo e o protestantismo na mesma categoria, a população representa 6,76% da população total de Macau. Isto, em comparação com 80% dos budistas no seu sentido lato, constitui uma diferença abismal.

**Quadro V: Religiões da população de Macau**

Religiões	Número	Percentagem
Católicos	28,000	5,74%
Protestantes	5,000	1,02%
Budistas no seu sentido lato	390,400	80,00%

Fonte: Introdução à Diocese de Macau, <http://www.serra-club.org.mo/Dioceseorg.htm>. Em relação aos adeptos do protestantismo, há várias versões, uma das quais dá 5000, por exemplo, segundo O Panorama de Macau (segunda edição), Macau, Fundação Macau, 1996, p. 503. Outra versão advoga que apenas representam 1% da população, cf. A perspectiva do protestantismo em Macau, in Christian Times, n.º 856, edição de 25 de Janeiro de 2004, <http://www.m-ccc.org/m-infm/Mo/hist/MacauChurchFuture.htm>.

Se fundirmos o Quadro IV e o Quadro V para os transformar no Quadro VI, detectaremos um contraste entre os pontos do Centro Histórico e as crenças religiosas da população de Macau. A população protestante que representa 1,02%, com uma percentagem de 4,00 % é proporcional. Em outros casos, sobretudo entre o catolicismo e o budismo, surge um grande contraste. Os budistas que dizem atingir 80,00% da população, só possuem 12% na lista. Em contraste, os católicos que representam 5,74% da população de Macau, ocupam 44,00% na lista. Trata-se de outra contradição entre os pontos do Centro Histórico de Macau, Património Mundial e a população de Macau.

**Quadro VI: Comparação entre os lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau e as religiões da população**

Religiões	Percentagem dos lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau	Percentagem dos praticantes
Católicos	44,00%	5,74%
Protestantes	4,00%	1,02%
Budistas no seu sentido lato	12,00%	80,00%

### 3. Uma análise sobre os pontos do Centro Histórico, do ponto de vista das gerações de emigrantes

Macau é, sem dúvida, uma sociedade de imigrantes. Sem falarmos sobre os macaenses, mesmo a sociedade chinesa que representa mais de 95% da população também é constituída por emigrantes, cuja maioria são oriundos de Guangdong e Fujian. Estas pessoas, devido ao tempo da sua emigração e lugar de proveniência, têm graus de identificação diferentes com Macau. Certo é que Macau tem algumas grandes famílias que têm vivido já durante muitas gerações em Macau, tais como a família Lu Lianruo e a família Zheng Guanying, etc, mas representam uma minoria. A maioria dos emigrantes chineses que vieram do interior da China fizeram-no depois do advento da “República da China”, porque o continente da China viveu, logo a seguir, grandes agitações sociais, tais como, o período dos senhores da guerra, a expedição contra o Norte, a guerra entre o Partido Nacionalista e o Partido Comunista, a invasão japonesa, a campanha de 3 combates e 5 contra, a Revolução Cultural e as reformas e a abertura, entre outras grandes mudanças, o que está na origem da emigração das pessoas que viviam em Guangdong e Fujian para Macau, tornando-se assim nos principais grupos da população de Macau.<sup>7</sup>

Os emigrantes chineses que vieram em tempos diferentes para Macau, devido às diferenças geracionais e à duração de residência em Macau, possuem graus de identificação diferentes com Macau. Por exemplo, os que vieram para Macau, antes de 1949, já têm aqui 3 gerações. A segunda geração já nasceu em Macau. Sendo aqui nascidos e crescidos, têm uma forte identificação com Macau. Chegando à terceira geração, esta não só aqui nasceu e cresceu cá, como também tem conhecido algumas coisas dos últimos cinquenta ou sessenta anos da vida de Macau, pela boca dos seus pais e até avós, o que tem aprofundado a sua identificação com Macau e também tem elevado o seu grau de percepção de Macau.

Pelo contrário, no caso dos que emigraram para Macau durante a Revolução Cultural, no máximo, têm só duas gerações em Macau. Isto

---

<sup>7</sup> Sobre a alteração demográfica de Macau, pode consultar-se Zheng Tianxiang e Li Minxian, *Um estudo preliminar sobre a população de Macau, ao longo dos 400 anos*, in *Boletim da Sociedade de Estudos das Ciências Sociais de Macau*, n.º 3, Abril de 1988, pp. 65-68.

quer dizer que os pais foram imigrantes que vieram do Continente da China, os seus filhos ou nasceram em Macau ou no continente da China, mas todos cresceram em Macau . Neste caso, a primeira geração destes emigrantes só tem aproximadamente 20 anos de residência em Macau, de maneira que não possui uma grande identificação com Macau. A segunda geração que nasceu e cresceu em Macau, como não tem a mesma percepção sobre Macau da primeira geração, também tem um grau de identificação com Macau muito reduzido.

Os últimos emigrantes que vieram para Macau, devido às mudanças sociais e urbanísticas que fizeram desaparecer muitos pontos de interesse histórico, não sabem praticamente nada sobre o passado de Macau, como por exemplo, o Hotel Riviera (onde está agora o Banco da China). Foi um lugar que sempre esteve nas conversas das gerações mais velhas de Macau, mas as novas gerações dos emigrantes nem sequer sabe do seu nome. Além disso, da estátua equestre de Ferreira do Amaral quase não se sabe nada. Muita gente não sabe o nome original de Xinmalu. Como as armas do Leal Senado foram retiradas da fachada do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, torna-se difícil perceber a história dos 60 anos do cativeiro de Portugal, entre 1580 e 1640. Será impossível contar essa história aos descendentes.

Analisando bem o Centro Histórico de Macau, dos pontos pertencentes ao século XV, só há 1 lugar; ao século seguinte, 6 lugares; ao século XVII, 4 lugares; ao século XVIII, 6 lugares e ao século XIX, 8 lugares. Está por ser definido o tempo da criação do Largo do Lilau (Ver o Quadro VII). Não há nada do século XX. Por outras palavras, os lugares de interesse turístico com que a generalidade dos cidadãos de Macau se identificam, tais como, a Ponte Macau-Taipa, o Casino Lisboa, Sands Casino, a Doca dos Pescadores e a Estátua de Cãnon (Dynasty Plaza), não constam da lista do Património Mundial. Por outras palavras, a lista do Património Mundial de Macau não é um resultado da modernidade, muito menos conhecida dos cidadãos de Macau que vieram para Macau, a partir dos anos 70 do século passado.

Como ficou dito, a lista do Património Mundial de Macau, além de dar um peso demasiado grande ao Ocidente e ao catolicismo, encerrando em si um certo sabor a “nobreza intelectual”, para a generalidade dos cidadãos, a “primeira universidade ocidental do Extremo Oriente”, a “primeira instituição de bem-estar social do Extremo Oriente “ e a “pri-

meiro hospital ocidental do Extremo Oriente”, não são objecto da sua preocupação, muito menos tornados em objecto da sua identificação.<sup>8</sup>

**Quadro VII: Cronologia dos lugares de interesse histórico do Centro Histórico de Macau**

Século XV(1400-1499)	Templo de A-Má	1
Século XV I(1500-1599)	Igreja de S. Lourenço, Igreja de Santo Agostinho, Igreja de S. Domingos, Santa Casa da Misericórdia, Ruínas de S. Paulo e Igreja de Santo António	6
Século XV II(1600-1699)	Igreja da Sé, Secção das Antigas Muralhas de Defesa, Fortaleza do Monte, Fortaleza da Guia (incluindo a Capela)	4
Século XV III(1700-1799)	Edifício do Leal Senado, largo do Edifício do Leal Senado, Igreja e Seminá- rio de S. José, largo do Teatro D. Pedro V, Templo de Sam Kai Vui Kun e Casa Garden	6
Século XIX(1800-1899)	Casa do Mandarim, Quartel dos Mouros, Teatro D. Pedro V, Biblioteca Sir Robert Ho Tung, Casa de Lou Kau, Templo de Na Tcha, Cemitério Protestante e Fortaleza da Guia (incluin- do o Farol da Guia)	8
Século XX(1900-1949)	Nenhum	0
Desconhecida (Indefinida)	Largo de Lilau	1

<sup>8</sup> Os 3 lugares são respectivamente as ruínas de São Paulo, a Santa Casa da Misericórdia e o Hospital São Rafael (actualmente, o Consulado Geral de Portugal).

#### 4. Programa de sensibilização, sobre protecção dos monumentos históricos de Macau e orientações para futuros esforços

Nos últimos anos, o Governo da RAEM tem envidado enormes esforços para a divulgação e a sensibilização sobre a protecção dos monumentos históricos, seja a nível internacional, seja local, de Macau junto dos cidadãos, que foram coroadas de bons êxitos.

No que toca aos estudos académicos, tiveram lugar em 2001, o Seminário “Modern Asian Architecture Network” e em 2002, “A Conservação do Património Urbano: Uma Visão de Macau”, o que permitiu intercâmbio dos trabalhos de protecção dos monumentos históricos com os países mais avançados nesta área e aprendizagem com as suas experiências. Além disso, há outras iniciativas, tais como, abertura do Concurso Trabalhos de Investigação sobre História e Cultura de Macau, publicações na Revista de Cultura, subsídios dados à publicação de livros de estudos sobre Macau e criação do curso de restauro de antiguidades, etc. Tudo isto tem desempenhado uma função activa para a promoção e a sensibilização dos monumentos históricos de Macau.

A nível da divulgação, junto do grande público, os “Jovens Embaixadores do Património Cultural” são só porta-vozes da história e da cultura de Macau.<sup>9</sup> O mais importante é deixar sementeiras nas gerações jovens de Macau, o que se reveste de um profundo impacto sobre o futuro trabalho de divulgação cultural de Macau. Além disso, há uma série de concursos vocacionados para os alunos liceais, como por exemplo, o concurso de criação literária, o concurso fotográfico, o concurso de desenhos murais e o concurso de “Património Cultural Roteiros de Macau”, mais dirigido aos cidadãos em geral. São estas actividades muito diversificadas. No entanto, estas medidas de divulgação só podem atingir aquela parte de cidadãos mais participativos. Mas como é que se podem numa maneira mais activa e mais generalizada divulgar os trabalhos da protecção dos monumentos históricos de Macau, junto da generalidade dos cidadãos e dos alunos?

A preservação e a divulgação dos monumentos históricos são uma causa a longo prazo. É preciso fazer projectos a longo prazo, sobretudo

---

<sup>9</sup> <http://www.macaoheritage.net/YHA/indexC.asp>.

após a redução do ânimo dos cidadãos, e continuar com os trabalhos correlacionados. É de crer que isto deva constituir um tema para sérias reflexões dos respectivos departamentos.

Por isso, nesta sede, achamos que o trabalho de protecção dos monumentos históricos deve começar pelo ensino da história. Devido a factores históricos, no ensino liceal de Macau, a história de Macau tem sido marginalizada, durante muito tempo. Os cidadãos em geral têm conhecimento muito limitado da história de Macau. Graças à bem sucedida inscrição do Centro Histórico de Macau na lista do Património Mundial, o estudo sobre os monumentos históricos de Macau tem-se tornado outra vez objecto de atenção e importância. No entanto, o ensino liceal sobre a história de Macau varia de escola para escola e de professor para professor, em consequência dos conhecimentos dos próprios docentes sobre a história de Macau. A história de Macau, ora integrada nos programas curriculares oficiais, ora incluída nos programas extra-curriculares, ao fim-de-semana, não é parte dos programas curriculares oficiais. O mais grave é que os temas históricos ainda não são integrados nos cursos de relevância. Isto, claro, não favorece nada a divulgação e a sensibilização sobre o Centro Histórico de Macau, Património Mundial. Os departamentos pertinentes do Governo e o meio educativo devem tentar reforçar o conhecimento dos alunos sobre a história dos intercâmbios culturais entre a China e o Ocidente, nos últimos 400 anos. Só quando os cidadãos de Macau tiverem conhecimento sobre a sua peculiar história é que poderão ter identificação e orgulho do valor da história e cultura de Macau e lhes darão um valor verdadeiro e amor de todo o coração. Só desta maneira, a preservação e a divulgação da história e da cultura de Macau poderão ter continuidade.

## 5. Algumas reflexões e sugestões

Como ficou dito, há grandes contrastes entre os grupos étnicos de Macau, as crenças religiosas, as gerações dos migrantes e os pontos do Centro Histórico, Património Mundial. Eles estão na origem da diferenciação do grau de identificação dos cidadãos de Macau. Até há quem ache que estes pontos são lugares que não os representam e, por isso, não têm sentido alegria do fundo do coração, em relação ao Centro Histórico de Macau, Património Mundial.

Nos últimos 10 anos, os Governos de Macau, sejam da administração portuguesa, sejam da RAEM, têm tido grandes ambições em di-

vulgar as vantagens históricas de Macau como ponto de confluência das culturas oriental e ocidental. Do ponto de vista da bem sucedida inscrição do Centro Histórico de Macau na lista do Património Mundial, esta divulgação tem surtido efeitos, a nível mundial. No entanto, ainda é cedo para poder afirmar que os próprios cidadãos de Macau se orgulham do seu glorioso passado, enquanto ponto de confluência das culturas oriental e ocidental.

Analisando os possíveis motivos desta situação, verifica-se que existe um contraste entre a bem sucedida inscrição do Centro História de Macau na lista do Património Mundial e os grupos étnicos, as religiões, as gerações e a estrutura dos habitantes de Macau. A razão mais importante deste contraste reside em que os próprios chineses não dão muita importância a estas arquiteturas históricas, embora representem a estrutura demográfica predominante de Macau. Muitos templos chineses e a Alfândega, entre outras construções, têm a mesma glória da fachada de São Paulo. Pena é que os chineses nunca tenham tido a mínima ideia de as preservar. Por exemplo, a zona entre a Rua dos Ervanários e a Rua da Nossa Senhora do Amparo era o Hopo que foi criado no início da Dinastia Qing. Estas construções chinesas, em consequência da má manutenção, assim como do “sentimento de pobreza”, cederam lugar a arranha-céus, tendo perdido a oportunidade de se transformar em parte em património cultural.

Outra razão da impossibilidade da sobrevivência destas construções chinesas tinha a ver com as muitas vicissitudes dinásticas e frequentes guerras civis, que assolaram a China, desde os finais da Dinastia Ming. Sem uma estabilidade básica, como se poderia falar na preservação cultural? Aliás, para todos os Governos chineses, Macau, sendo uma terra periférica, nunca foi um ponto fulcral do desenvolvimento no plano nacional.

Talvez se possa alegar que no período em que Macau foi integrada na administração portuguesa, a partir do Tratado de Amizade e Comércio entre a China e Portugal, de 1887, até à sua reintegração em 1999 na China, cabia ao Governo português preservar as construções chinesas e o património cultural chinês. Acontecia que aos portugueses eram pouco acessíveis à arquitetura e à cultura chinesas. Aliás, como ficou dito, durante a administração portuguesa, a maior parte dos funcionários eram macaenses e não os vindos da metrópole. Devido a que a maioria dos macaenses não tinha nível cultural alto, não podiam ter conhecimentos



culturais suficientes, muito menos sobre os pormenores culturais, de modo que lhes era difícil ter a intenção e a vontade de preservar a cultura chinesa.

Em relação aos chineses que vivem em Macau, como a maioria deles são naturais de Guangdong e Fujian, que vieram emigrados, em consequência de guerras, do continente da China, onde não tinham grandes bens ou os perderam, em consequência de guerras, entre outros factores, ao chegar a Macau, tinham de trabalhar arduamente para ganhar a vida. Se conseguiram ter uma vida estável, já não foi nada mau; por isso, não tiveram a possibilidade de prestar atenção aos monumentos históricos.

Aos olhos dos ocidentais, a China bem parece uma terra de cultura, mas as estruturas culturais profundas não são tanto assim, porque a cultura só ficava nas classes intelectuais, que ao longo da história da China eram uma minoria. Depois há outro factor, os poderes ao longo da história da China nunca abandonaram a política tendencial de “obscurantismo”. Eis a razão da generalidade dos chineses não se preocupar nada com a preservação dos monumentos históricos.<sup>10</sup>

A preservação do Património Mundial é uma causa de longo prazo. A bem sucedida inscrição do Centro Histórico de Macau na lista do Património Mundial significa um marco de uma nova era do trabalho de preservação dos monumentos históricos e culturais de Macau. Só continuando a reforçar e a aprofundar o trabalho de divulgação e a considerar como condição prévia a preservação e a divulgação da história e cultura de Macau, no âmbito geral da história da cultura de Macau, é que os trabalhos neste campo poderão ser mais aperfeiçoados e validados pelo resto do mundo.

Macau tem desempenhado um verdadeiro papel do ponto de vista dos intercâmbios culturais entre o Oriente e o Ocidente. Pelo menos, o facto do seu Centro Histórico ter sido reconhecido pela UNESCO como património cultural mundial já é uma confirmação a nível de hardware. Mas somos de opinião de que ainda há muito espaço para progressos, no que diz respeito ao software.

---

<sup>10</sup> Os casos de maiores impactos são: a queima dos livros e enterrar vivos letrados confucionistas, o culto único do Confúcio, promovido por Dong Zhongshu, na Dinastia Han, os Ensaio de Oito Partes da Dinastia Ming, a Grande Revolução Cultural, que teve lugar desde 1966, etc, que são políticas tendenciais de “obscurantismo”, promovidas pelos próprios Governos.

Em primeiro lugar, é preciso reforçar a educação sobre a própria história de Macau, para que tanto os chineses como os ocidentais que vivem nesta terra possam ter uma melhor percepção sobre a própria história de Macau, de modo a promover o conhecimento mútuo e para que todos os que vivem no território de Macau, independentemente da sua etnia, possam perceber do significado dos pontos do Centro Histórico, Património Mundial, ao longo da história de Macau.

Em segundo lugar, através da televisão, Internet e outros meios de comunicação social deve divulgar-se esta sensibilização, fazendo com que os cidadãos de Macau possam ter uma melhor percepção do Centro Histórico de Macau, que já conhecem. Por exemplo, a maioria dos cidadãos conhece as ruínas de São Paulo, a Santa casa Misericórdia e o Hospital São Rafael, mas pouca gente sabe que elas são respectivamente a “primeira universidade ocidental do Extremo Oriente”, a “primeira instituição de bem-estar social do Extremo Oriente” e o “primeiro hospital ocidental do Extremo Oriente”. Portanto, uma constante divulgação e sensibilização devem merecer no futuro a maior atenção do Governo da Região Administrativa Especial de Macau.

Em último lugar e o mais importante é que a cultura é uma representação colectiva da própria humanidade e é um resultado da história. Mas muitos elementos do precioso património cultural, em consequência de factores políticos e económicos, foram destruídos ou danificados. Isto constituiu assaltos à cultura da humanidade. Certo é que o património histórico-cultural de Macau tem muitos elementos ocidentais e católicos, mas não se deve classificá-los como cultura ocidental e católica para fundamentar a sua danificação, muito menos alegando razões políticas ou ideológicas para os alterar ou destruir, porque tudo isto resulta de esforços de muitos anos da própria humanidade.

Como ponto de intercâmbios culturais entre o Oriente e o Ocidente, parece ter sido por causa dos monumentos históricos de Macau que o seu Centro Histórico entrou na lista do Património Mundial. Mas para as pessoas de Macau, qual seria a conotação espiritual dos intercâmbios entre o Oriente e o Ocidente? Afui lançamos uma proposta: talvez possamos classificá-lo como uma mentalidade de “tolerância mútua e intercâmbios mútuos”! Sem isto, como é que se poderia ter a modéstia para aprender com as vantagens dos outros, a fim de colmatar as insuficiências próprias, senão, terem algum sentido os monumentos históricos de Macau?